

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARISSA SANTOS OLIVEIRA

**Grupo de Orientação Profissional em um Cursinho Pré-Vestibular Alternativo: O
Olhar da Coordenadora do Grupo**

Uberlândia
2020

MARISSA SANTOS OLIVEIRA

**Grupo de Orientação Profissional em um Cursinho Pré-Vestibular Alternativo: O
Olhar da Coordenadora do Grupo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carmen Lúcia Reis.

Uberlândia
2020

MARISSA SANTOS OLIVEIRA

**Grupo de Orientação Profissional em um Cursinho Pré-Vestibular Alternativo: O
Olhar da Coordenadora do Grupo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Reis.

Uberlândia, 05 de outubro de 2020.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Reis
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Lígia Carolina Oliveira Silva
Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Camila Turati Pessoa
Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Nessa longa caminhada acadêmica, alguns atores se tornaram essenciais na contribuição para a minha formação de Psicóloga, portanto, faço aqui meus agradecimentos aos encontros que fizeram deste trabalho um fechamento de ciclo mais do que especial.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, pela possibilidade de um ensino público, gratuito e de qualidade que possibilitou na melhor oportunidade da minha vida a graduação em Psicologia.

Agradeço à Professora Doutora Carmen Lúcia Reis que foi minha “mãe-acadêmica” e que pôde de perto acompanhar, desde o estágio da Orientação Profissional (OP) até a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), todas as alegrias e angústias deste processo.

Aos meus pais, Vander e Maria José e minha irmã Luíza, pelo suporte incondicional.

À Aurea Zago e Ana Victória Pimentel pelo apoio e abraço acolhedor, parceria, cuidado e sensibilidade que tive durante toda a graduação.

Aos colegas Mariana Spini e Allan Jovelino que me acompanharam neste trabalho de OP desenvolvido na instituição de ensino que tanto nos é querida.

Aos amigos que fiz na 77ª Turma de Psicologia - UFU e vou levar pra vida Maria Clara Cardoso, Bruna Lima, Luna Baroni, Barbara Miranda, Ivan Brandão, Karla Helmer, Tamara Ferreira e Mário Sérgio a vocês pelos trabalhos em grupo, “perrengues” e pela amizade.

Às professoras Lígia Carolina Oliveira Silva e Camila Turati Pessoa por aceitarem o meu convite como banca examinadora deste TCC que contribui para a minha formação.

Meus sinceros agradecimentos a todos vocês que foram muito importantes em muitos momentos.

RESUMO

Este trabalho apresentará uma experiência em Orientação Profissional realizada com um grupo de estudantes de um cursinho pré-vestibular alternativo da cidade de Uberlândia/MG, à luz da abordagem sócio-histórica. Foram realizados 10 encontros, com duração de 50 minutos cada, na sede da instituição escolar, durante o segundo semestre de 2019. O grupo foi formado por 13 estudantes de ambos os sexos, com idade média de 18 anos, egressos de escolas públicas de bairros periféricos e de baixa renda. Os encontros foram realizados no formato de rodas de conversa pautadas nos pilares da Orientação Profissional: Autoconhecimento; Determinantes da escolha; Informação sobre cursos; e, Mundo do trabalho. No decorrer dos encontros, observou-se a importância do desenvolvimento deste, propiciando um espaço de interação, diálogo, conhecimento de si e informação, para além da Orientação Profissional. Cabe destacar que as discussões referentes às situações cotidianas de vida e seus desafios foram amplamente discutidas a fim de possibilitar que o estudante confiasse e acreditasse em si. Por fim, o grupo de Orientação Profissional se mostrou como uma ótima oportunidade de acesso à informação acerca do âmbito universitário e profissional promovendo um maior conhecimento aos estudantes além de oferecer condições e ferramentas para que este possa realizar a sua escolha de maneira autônoma e consciente.

Palavras-chave: Orientação Profissional; Adolescência; Abordagem sócio-histórica; Escolha profissional.

ABSTRACT

This work will present an experience in professional orientation realized with a group of students from an alternative pre-university entrance exam in the city of Uberlândia / MG, from the perspective of the socio-historical approach. The professional orientation process was developed in 10 meetings with the duration of 50 minutes each and being held at the institution's headquarters during the second semester of 2019. The group was formed by 13 students of both sexes, with an average age of 18 years, graduates from public schools in peripheral neighborhoods and low income. The meetings were realized in the form of conversation circles based on the pillars of Professional Orientation: Self-knowledge; Determinants of choice; Information; and, World of work. During the meetings, it was observed the importance of its development, providing a space for interaction, dialogue, self-knowledge and information, in addition to Professional Orientation. It should be noted that the discussions regarding everyday life situations and their challenges were widely discussed in order to enable students to trust and believe in themselves. Finally, the Professional Orientation group proved to be a great opportunity to access information about the university and professional environment, promoting greater knowledge among students, in addition to offering conditions and tools for them to make their choice in an autonomous and conscious way.

Keywords: Professional Orientation; Adolescence; Socio-historical approach; Professional choice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PARA INÍCIO DE CONVERSA	9
2.1 OS ADOLESCENTES E SEUS CONTEXTOS SOCIAIS	9
2.2 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	12
3 O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COM GRUPO DE ADOLESCENTES	14
3.1 COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA	20
3.2 CONHECENDO O GRUPO E CRIANDO VÍNCULOS	20
3.3 CONHECER O GRUPO E SE CONHECER: TRABALHANDO QUESTÕES DE AUTOCONHECIMENTO	22
3.4 FAMÍLIA E A ESCOLHA DA PROFISSÃO	25
3.5 CONSTRUINDO O PROCESSO DE ESCOLHA PROFISSIONAL E SEUS DETERMINANTES	28
3.6 A ESCOLHA DA PROFISSÃO EM QUESTÃO	31
3.7 MUNDO DO TRABALHO E SUAS POSSIBILIDADES	32
3.8 FINALIZANDO O PROCESSO	33
ENCERRANDO A CONVERSA	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXO A – BRASÃO DE FAMÍLIA E VALORES PESSOAIS	41
APÊNDICE A – O BOM PROFISSIONAL	45

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um tema que gera discussões controversas e acarreta opiniões que, popularmente, denotam um lugar social muitas vezes de estigma e pouca representatividade, dada a “curta experiência” de vida do indivíduo. Em contradição a esta baixa credibilidade concedido ao adolescente, recai também sobre ele cobranças e atribuições de responsabilidades que o convidam (às vezes precocemente) para a idade adulta.

Geralmente, ocorre com frequência em relação aos adolescentes a expectativa de um salto da infância para a idade adulta. É demandado que se acatem responsabilidades e cumpram as obrigações, que aja como adulto, muitas vezes desconsiderando o momento de transição em que vive. Porém, este salto não acontece. É necessário que passe pelo processo de crescimento e desenvolvimento diante da vida e, em interação com suas vivências, constitua sua própria identidade e jeito de existir no mundo.

Diante desse modo de compreender a adolescência, despertou em mim a busca para entender este período que, talvez pela incompreensão ou simplesmente pela indisposição social em acomodar este processo de transição, é tido como conflituoso, assim, inicio em minha jornada acadêmica a empreitada de me aproximar da adolescência. Para além das compreensões teóricas que orientaram minha prática, a experiência com adolescentes durante a graduação fomentou em mim a vontade de me colocar a serviço deste público. É partindo das vivências obtidas em um trabalho voluntário de Orientação Profissional em um cursinho pré-vestibular alternativo, na cidade de Uberlândia (MG), que surge o presente relato de experiência.

Neste, apresento minha perspectiva sobre o aprendizado que a prática com grupos de adolescentes soma em minha formação acadêmica e profissional. Partindo de fundamentações teóricas sustentadas pela abordagem sócio-histórica e contribuições de outras áreas da Psicologia dou início aos estudos e as minhas considerações sobre a

adolescência, os aspectos sociais e culturais que são abarcados no processo de constituição do indivíduo. Posto isso, me defronto com algumas perguntas que me auxiliam no desenvolvimento deste trabalho: De que adolescente estamos falando? Qual adolescência existe na atualidade? Os adolescentes de baixa renda vivem os mesmos conflitos e dilemas que os ricos? Como se dá o processo de Orientação Profissional para os adolescentes de baixa renda?

2 PARA INÍCIO DE CONVERSA

2.1 Os adolescentes e seus contextos sociais

A adolescência é comumente entendida como um momento da vida marcado por importantes mudanças. É frequente nos meios sociais o senso comum de que o que marca estas transformações é uma fase de rebeldia e confusão - ou como habitualmente se profere “é só uma fase, logo passa”. Contudo, a opinião popular pouco se aprofunda no que verdadeiramente compõe este momento da vida: crescimento, responsabilidade, mudanças e escolhas. A adolescência é um marco no desenvolvimento humano, período de formação e autodefinição da identidade (Newcombe, 1999).

Segundo Levenfus (2015), a adolescência pode ser definida como um período do desenvolvimento humano no qual o indivíduo encontra-se em transição da infância para a fase adulta. Partindo da perspectiva Ericksoniana, a autora a descreve como um processo “em que a pessoa em desenvolvimento teria de resolver o dilema central entre construir uma identidade e viver uma difusão de papéis, sendo o modelo de construção identitária marcado pela escolha e a reprodução de referências sociais” (Levenfus, 2015, p. 14).

Desta forma, apresenta-se uma perspectiva teórica baseada na psicanálise, a qual compreende a adolescência como uma etapa no processo natural do desenvolvimento humano. O desenvolvimento biológico, ou seja, as mudanças corporais e o avanço das

funções cognitivas inauguram no sujeito uma complexidade de elaborações a serem feitas. De acordo com esta perspectiva, estas mudanças corporais são correlatas às mudanças psicológicas. Para a autora “é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizados fricções com o meio familiar e social. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos” (Aberastury, 1981, p. 13).

Em contraponto às visões desenvolvimentista e psicanalítica, a psicologia sócio-histórica propõe que a adolescência “é um momento significado, interpretado e construído pelos homens” (Aguiar, Bock & Ozella, 2001, p. 168). Para os autores, mesmo as modificações corporais pertinentes a esse período da vida são socialmente significadas e, portanto, não constituem em si um conceito de adolescência. Assim sendo, é a partir das construções e significados sociais que o adolescente referencia a concepção da própria identidade e tem a possibilidade de se apropriar dos elementos sociais para constituir a sua individualidade.

Nessa perspectiva apresentada pelos autores, o adolescente experimenta uma contradição na qual já se constitui enquanto indivíduo apto a participar do universo adulto - em circunstâncias afetivas, cognitivas, reprodutivas e no que se refere à capacidade laboral - porém, sem permissão para tal inserção. Neste cenário contraditório, ao mesmo tempo em que o adolescente ainda depende da tutela de um adulto, é exigido que tenha clareza de suas aspirações e faça escolhas ou tome importantes decisões quanto ao seu futuro (Aguiar, Bock & Ozella, 2001).

O futuro posto à adolescência perpassa principalmente pela escolha profissional, caminho que deverá abrir todas as demais portas almejadas socialmente para um indivíduo adulto. Sob a ótica da psicologia histórico-cultural, a escolha do indivíduo não é uma via de mão única que parte exclusivamente da sua vontade, mas é influenciada pelo contexto que o cerca e os elementos que compõem este meio, ou seja, existe no desenvolvimento psicológico

uma dimensão histórica (Tomio & Facci, 2009). Fundamentadas na escola Vygotskyana, as autoras supracitadas consideram que “o desenvolvimento histórico do homem constitui uma unidade dialética de duas ordens essencialmente diferentes, mas uma implica a outra” (p.92). Partindo desta compreensão que o indivíduo cria o mundo à sua volta na medida em que é criado por ele, faz sentido pensar que suas escolhas estejam de alguma forma relacionadas aos contextos sociais e culturais nos quais se inserem.

Dada a relevância dos contextos sociais na constituição dos indivíduos, sobretudo no que se refere às escolhas direcionadas ao futuro, Bock (2008) amplia o argumento propondo a compreensão de que

A vida social, na qual estão os determinantes importantes das escolhas profissionais, como a ideologia dominante, as formas de trabalho, o funcionamento do mercado, o papel da educação, os valores, os grupos de pertencimento, não é algo externo ao indivíduo. Ao construir sentidos subjetivos sobre a escolha ou sobre o futuro profissional, o sujeito estará também, e ao mesmo tempo, internalizando a vida social e contribuindo para a construção da subjetividade, que é coletiva. Sujeito e sociedade são âmbitos de um mesmo processo. O sujeito escolhe e, para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas e sociais no qual está inserido (Bock, 2008, p. 38).

Assim, no caso dos adolescentes, as escolhas do futuro possivelmente terão repercussões distintas conforme suas realidades sociais. Em um estudo sobre projetos de futuro, Melsert e Bock (2015) aferem a dimensão subjetiva da desigualdade social. Para a pesquisa, jovens pobres de escola pública e jovens ricos de escola particular produziram duas redações sobre projetos de futuro: a primeira sobre como se viam em 10 anos e a segunda

sobre como imaginavam um personagem fictício em 10 anos - no caso dos jovens ricos o personagem era pobre e vice-versa.

A partir da análise dos dados encontrados na pesquisa, foi comum entre todos os jovens participantes - pobres e ricos - a noção de “pobreza como falta, carência, impossibilidade, dificuldade” (Melsert & Bock, 2015, p. 779). Entre os jovens pobres, a característica mais marcante notada pelas pesquisadoras foi o entendimento do esforço pessoal como ferramenta ou possibilidade de superação. Neste sentido, estudar aparece impreterivelmente como um recurso de ascensão social.

Sobre a questão dos adolescentes e suas escolhas profissionais, uma ferramenta útil a este processo é a Orientação Profissional. Ela possui como proposta auxiliar na maneira de lidar com o meio e as questões sociais e suas repercussões na vida dos indivíduos atreladas às suas escolhas.

2.2 Orientação Profissional

A Orientação Profissional (OP.) não é simplesmente uma prática de compreensão das habilidades e aptidões do adolescente a serem usadas para determinar sua profissão futura. Trata-se de uma intervenção cuja complexidade é mais elaborada. O trabalho de OP pode ser definido como

um conjunto de intervenções que visam à apropriação dos chamados determinantes da escolha. Estes determinantes é que levam à compreensão das decisões a serem tomadas e possibilitam a elaboração de projetos . . . Utiliza-se a expressão *programa*, e não apenas Orientação Profissional, para este tipo de intervenção. Isto para deixar claro que existem objetivos que é organizado em etapas, que pressupõe procedimentos de intervenção e avaliação, e é fundamentado numa dada visão filosófica, política e psicológica de ser humano. Trata-se de um trabalho de cunho

educativo mas que não deixa de se constituir como intervenção para a *promoção de saúde*, na medida em que trabalha com o indivíduo a partir de suas relações sociais buscando compreendê-las e transformá-las (Bock, 2001, p. 144).

Assim, o grupo de Orientação Profissional colabora com o momento de decisão da escolha do curso e, conseqüentemente, a profissão futura. Para além disso, fortalece questões relevantes que permeiam o universo adolescente como: autoconhecimento; exploração e informação; e, o mundo do trabalho. Abade (2005), citando teóricos relevantes sobre a temática, expande o entendimento sobre as características e vantagens do formato de grupo para os processos de OP.

Esse panorama também nos permitiu identificar que a proposta de Orientação Profissional em grupo surgiu, inicialmente, associada à necessidade de atender a um maior número de pessoas. Essas experiências, contudo, indicaram que mais do que atender a um número maior de pessoas, essa forma de atendimento apresenta algumas vantagens: o enriquecimento do processo devido à dinâmica do grupo que envolve o confronto com a diversidade e a heterogeneidade (Bock, 2002); o processo grupal é uma amostra do processo social a visão do outro auxilia na própria visão de si, as aspirações e limitações são dosadas porque o grupo facilita a percepção das influências familiares, sociais e econômicas (Carvalho, 1995); é próprio do adolescente o convívio em grupo e há possibilidade de compartilhar sentimentos de dúvida, confusão e insegurança em relação ao futuro (Soares, 1993) (Soares, 1993; Carvalho, 1995; Bock 2002 como citado em Abade, 2005, p. 22).

Em outras palavras, a interação em grupo no processo de Orientação Profissional colabora com o desenvolvimento do adolescente e de suas características, envolvendo

diversidade e pluralidade, possibilitando uma visão diferente do outro e o compartilhar de cada experiência individual que permite uma maior reflexão sobre os conteúdos. Sobre isto, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo relatar uma experiência de Orientação Profissional com Grupo de adolescentes em um cursinho pré-vestibular alternativo da cidade de Uberlândia, MG, à luz do olhar de uma das coordenadoras do grupo. Para além disso, objetiva apresentar o processo de Orientação Profissional dentro de um cursinho pré-vestibular alternativo, seus recursos e possibilidades, bem como conhecer o público participante - seus contextos sociais, culturais, as expressões subjetivas de suas vivências. Considera-se ainda pertinente compreender o processo de escolha profissional dos adolescentes na referida instituição de ensino.

3 O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COM GRUPO DE ADOLESCENTES

O cursinho funciona desde 1999 e não possui sede própria, realizando suas atividades no contraturno de uma Escola Municipal. O projeto não tem fins lucrativos e visa atender jovens de baixa renda, egressos da rede pública de educação e estudantes de ensino médio de instituições públicas ou privadas sem comprovação de renda. Além das aulas que acontecem de segunda à sexta-feira em período noturno, os estudantes têm acesso a palestras, eventos, apresentações culturais, apoio psicológico e grupos de orientação profissional, tudo oferecido em sistema de voluntariado.

A experiência aqui relatada ocorreu durante o segundo semestre de 2019, e diz respeito a uma das ações desenvolvidas pela equipe de psicologia na referida instituição de ensino da qual faço parte. Nossa primeira intervenção teve como proposta apresentar as três frentes de trabalho. São elas: 1) Grupo de Orientação Profissional; 2) Plantão Psicológico; e, 3) Intervenção. Cada psicólogo e/ou estudante do Curso de Graduação em Psicologia voluntário representante desta frente, apresentou e convidou os estudantes para participarem

das ações. Nesta apresentação, foi proposta por meio de perguntas e respostas, a desmistificação do trabalho que a Psicologia desenvolve na instituição. Cada frente elaborou perguntas sobre o que é realizado nestes serviços e os estudantes responderam o que pensavam sobre. Além disso, o Grupo de Orientação Profissional contou com outras formas de divulgação para a adesão de participantes como: cartazes colados em sala de aula e textos elaborados que foram enviados nos grupos de WhatsApp das salas convidando-os para conhecer o primeiro encontro com o grupo.

Feita a apresentação das ações promovidas pela equipe de Psicologia do cursinho, marcamos a data de início para os encontros de Orientação Profissional. Cabe destacar que as ações de Orientação Profissional e Intervenção, são realizadas por duplas de voluntários da área de Psicologia. Sendo assim, o presente relato de experiência apresentará o olhar da autora responsável pela coordenação de um grupo de OP. Os encontros foram realizados em uma sala de aula da própria instituição em horário que antecedeu o início das aulas. Os estudantes que manifestaram interesse puderam se inscrever por meio de uma lista de inscrição proposta pelas coordenadoras disponibilizada na secretaria da instituição. No total, o Grupo de Orientação Profissional contou com 13 estudantes inscritos, sendo 11 mulheres e 2 homens, com idade média de 18 anos, com a maioria cursando ou egressos do 3º ano do Ensino Médio, predominantemente de escolas públicas e bairros periféricos.

O Grupo de Orientação Profissional foi estruturado em 10 encontros semanais, com duração de 50 minutos, no período entre julho e outubro de 2019, com seu início e término planejados de acordo com a data do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Cabe dizer, que houve uma evasão dos estudantes no decorrer dos encontros justificadas pela dificuldade em conciliar o horário. As reuniões do Grupo de Orientação Profissional contaram em média com a participação frequente de 7 estudantes, sendo que o encerramento contou com a participação de 5 estudantes. Em termos de participação e engajamento, ao final do décimo

encontro, 6 dos 13 participantes estavam com 50% de presença e com todas as atividades solicitadas entregues.

A programação dos encontros foi planejada de modo a explorar os pilares do processo de Orientação Profissional: 1) Autoconhecimento; 2) Determinantes da escolha; 3) Informação; e, 4) Mundo do trabalho. Segundo Melo-Silva, Lassance e Soares (2004),

Os eixos temáticos abordados nos atendimentos em Orientação Profissional, em clínicas ou escolas, são, de certa forma, similares, independentemente do referencial teórico-metodológico utilizado, são: autoconhecimento e conhecimento das profissões – na maioria delas –, sendo que outros serviços incluem o debate sobre as questões da escolha e seus condicionantes, além das mutações no mundo do trabalho (p. 43).

O autoconhecimento enquanto parte do processo de Orientação Profissional trabalha questões internas do indivíduo, para além do âmbito profissional. Em concordância com Bock (2001, p. 67), “por autoconhecimento, entende-se a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto às formas de escolha e à compreensão de como construiu sua individualidade.” Ainda, Soares, et al. (2007, p. 751), afirmam que

o trabalho com o conhecimento de si é fundamental, na medida em que possibilita ao sujeito conhecer suas características, interesses, aptidões, habilidades e respeitar o que está disposto a declarar e a compreender sobre si e sobre os outros naquele momento (Soares, et al. 2007, p. 751).

Em outras palavras, o autoconhecimento possibilita ao jovem a consciência crítica de si, o seu jeito de ser no mundo, compreendendo o seu contexto social e a realidade que o cerca. Enquanto etapa do processo do serviço de Orientação Profissional é uma ferramenta

potente para o processo da escolha profissional, possibilitando o orientando se conhecer e formar seu autoconceito.

Neste sentido, Oliveira (2009) discorre sobre outro aspecto fundamental da Orientação Profissional, a autora conceitua determinantes da escolha, que vão além do individual

Nessa perspectiva de atuação, a orientação profissional deve oferecer um espaço que possibilite a conscientização crítica dos determinantes da escolha, como por exemplo, classe social, gênero, experiências e preferências individuais, escolarização, valores ideológicos, sistema capitalista, dentre outros. Para tanto, o programa deve se apoiar em objetivos organizados em etapas sistematizadas, que propõe um avanço na compreensão dos determinantes, não se restringindo apenas aos elementos trazidos pelos orientandos (Oliveira, 2009, p. 62).

Retomando Bock (2008), entende-se que o indivíduo é constituído socialmente na medida em que pertencente à sociedade é também constituinte desta, portanto, está inserido em um ambiente dotado de determinantes importantes da escolha.

Deste modo, a apropriação consciente dos determinantes da escolha pelo indivíduo é parte de um pensamento de que o jovem é construído no coletivo, perpassado por influências no decorrer de seu florescimento da escolha profissional, o que nos leva a compreender questões cruciais para o processo da escolha profissional, como o contexto sociocultural e econômico, percebe-se a necessidade de contextualizar o indivíduo do seu espaço social, político e econômico em que este se insere. Outra questão são as intervenções da família, dos pares e de atores importantes como os professores, estes têm uma importância quanto a escolha e aparecem como figuras significativas dentro do processo evidenciando que estas escolhas não são exterior ao orientando.

Segundo Veriguine (2008) sobre o conceito de informação afirma:

A informação profissional, por sua vez, pode ser definida como toda informação relacionada à formação continuada, aos cursos, às profissões, às carreiras, às áreas de atuação e ao mercado de trabalho (Bohoslavsky, 1993). Ela apresenta caráter pedagógico no processo de OP e tem como finalidade fornecer informações fidedignas sobre o mundo ocupacional, corrigindo distorções e preconceitos, geralmente presentes nos jovens que ainda não se inseriram no mundo do trabalho (Ferretti, 1998). (Bohoslavsky, 1993; Ferreti, 1998 como citado por Veriguine, 2008, p. 35).

Como recurso importante, a informação é utilizada para investigar o nível de conhecimento que o orientando detém da área de atuação pretendida. Além disso, é usada para fornecer conteúdos úteis para percepção da maturidade da escolha profissional. Taveira (2000) citada pelas autoras Esborgeo e Melo-Silva (2012) apresenta o termo exploração como “escolhe-se o termo "exploração" para denominar os processos de procura, de interpretação e de integração de informação (pessoal e do mundo profissional) na resolução de problemas ou dilemas vocacionais” (Esborgeo & Melo-Silva, 2012, p. 169).

Sendo assim, o pilar informação e exploração é um facilitador do planejamento uma vez que proporciona ao orientando um maior conhecimento das áreas profissionais, isto é, entrar em contato com a realidade profissional e desmistificar concepções acerca de determinada área de atuação. Além disso é fornecido neste trabalho uma maior compreensão dos meios de comunicação e suas utilizações no sentido de fazer pesquisas para a busca de esclarecimentos sobre cursos, profissões, carreiras e mercado de trabalho.

Por fim, o pilar mundo do trabalho, se propõe discutir as mudanças que se vêm processando e suas consequências nas relações homem/trabalho. Abarca aspectos

relacionados à carreira propriamente dita, projetos de vida e de carreira, rotinas de trabalho que a profissão requer, informação sobre média salarial, modalidades de trabalho: formal ou informal, possibilidades de atuação da área, discussão acerca do perfil profissional, lugar social que o trabalho ocupa e ambiente de trabalho. Autores como Lisboa (2002), Grings e Jung (2017), Osório e Lima (2017), e Silva e Carvalho (2019) realizaram estudos importantes sobre essa temática destacando que as possibilidades de escolha profissional não somente na busca de realização pessoal, mas, fundamentalmente, na abertura da consciência e no entendimento mais profundo sobre o atual cenário socioeconômico.

Deste modo, o cronograma respeitou a seguinte distribuição, dez encontros organizados com tópicos, iniciando com propostas de integração e apresentação com todos os inscritos, seguindo com encontros direcionados para o autoconhecimento, adiante trabalhamos informação e exploração; mundo do trabalho; feedbacks e reflexões sobre o Grupo de Orientação Profissional e encerramento.

Os encontros foram estruturados no formato de rodas de conversa que possibilitaram vivências com dinâmicas de aquecimento, escolha de temas centrais e técnicas de Orientação Profissional. Os materiais utilizados para as vivências foram lápis de cor, giz de cera, canetinhas, aparelho de som portátil, CDs variados, folhas de papel sulfite, cartolinas, cordão e itens variados para aplicação de dinâmicas de grupo.

O Grupo de Orientação Profissional se fundamentou metodologicamente por rodas de conversa. Segundo Sampaio, et al. (2014) rodas de conversas constituem uma metodologia embasada nos fundamentos de educação popular freirianos (termo utilizado pelo educador brasileiro Paulo Freire), que visa possibilitar diálogos capazes de promover produção e ressignificação de sentidos ou experiências daqueles que participam. Uma importante característica das rodas de conversa é a horizontalização das relações que favorece a

implicação de todos os indivíduos enquanto atores sociais, possibilitando a reflexão crítica e social de seus contextos. Em outras palavras,

o espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de “ser mais” (Sampaio, et al., 2014, p. 1301).

Após os encontros e supervisões, a coordenadora redigiu relatos de todas as sessões, registrando acontecimentos e tomando nota de suas apreensões dos sentidos e significados que emergiram nas rodas de conversa. Estes registros constituíram a base para o desenvolvimento do presente trabalho, no qual, compartilho experiências, impressões e olhares vivenciados com um grupo de estudantes de Orientação Profissional em um cursinho pré-vestibular alternativo neste relato de experiência.

3.1 Compartilhando a experiência

A minha experiência aqui relatada envolveu um grupo de estudantes de uma instituição de ensino a qual me tocou especialmente pelo lugar que ocupou na minha formação, produto de um projeto voluntário, que me dediquei a atender grupos de Orientação Profissional. Portanto, este processo aqui relatado, abarca os pilares de autoconhecimento, determinantes da escolha, informação e mundo do trabalho, contidos na O.P. e que foram abordados em todos os encontros.

3.2 Conhecendo o grupo e criando vínculos

Com o propósito de promover um espaço para que o grupo e a respectiva coordenadora pudessem se conhecer foi realizado uma apresentação por meio da técnica

Palito de Fósforo que consiste em acendê-lo e se apresentar com o máximo de informações pessoais até que o fósforo se apagasse. Neste contexto, foi solicitado que o participante contasse um pouco de sua vida, nome, idade, de onde veio, com quem morava, o curso que pretende, algum hobby, etc. Neste momento, alguns mais tímidos eram motivados pelas coordenadoras e pelos colegas para falar.

Essa apresentação possibilitou uma maior interação entre os integrantes do grupo. Foi interessante perceber toda a aproximação entre participantes a partir do simples fósforo aceso: a rapidez do fogo, a pressa para falar no tempo de duração da chama, a ansiedade de falar ou não falar, o que pôde ser dito nesse tempo, quanto tempo durou, como os participantes utilizaram o tempo para falar, se apenas falaram o que foi solicitado ou quais elementos foram mais marcantes para dizer durante a dinâmica.

No trabalho com o grupo inspirada na perspectiva psicodramática, consideramos a importância do conhecimento de si e do outro tanto no sentido de oferecer um alicerce para a escolha profissional dada a importância do autoconhecimento nesse processo quanto na intenção de proporcionar a criação de vínculos. Ramalho (2011) faz menção ao vínculo como uma ligação mais duradoura que a interação e estende o conceito afirmando que “o vínculo seria, então, além da ligação entre sujeitos, às cargas pessoais que cada um traz e os processos de comunicação e aprendizagem que ocorrem no contexto” (Ramalho, 2011, p. 24).

No desenvolvimento do grupo pude perceber o potencial da dinâmica para o favorecimento de vínculo futuro. A atividade mobilizou os participantes em relação às próprias cargas e a forma como as comunicaram, assim como proporcionou aos membros do grupo voltar a atenção para os demais e seus respectivos conteúdos pessoais.

Finalizamos o encontro inicial explicando como funcionava o processo de Orientação Profissional, dando as informações necessárias para o funcionamento e desenvolvimento do

grupo como: a quantidade de encontros necessários no programa de OP, a quantidade de faltas aceitáveis, atividades que seriam encaminhadas para casa, para reflexão e o contrato de funcionamento. Além destas questões de ordem prática, também explicamos que o Grupo de OP tem um embasamento teórico, assegurando aos participantes o sigilo e o respeito que deve se ter entre os membros, o compromisso com o grupo e as atividades desenvolvidas.

3.3 Conhecer o grupo e se conhecer: trabalhando questões de autoconhecimento

Integrar o grupo e fortalecê-lo é algo que contribui em todo processo de OP. Para isso, realizamos a técnica Entrevista Reversa que consistiu em organizar os integrantes em duplas para conversar e se apresentar para o colega. Após esse momento, abrimos para diálogo entre todos.

Ao longo das apresentações percebemos que muitos ainda estavam tímidos e poucos tinham explorado de informações sobre colegas do grupo. Ao perceber isso, intervimos fazendo perguntas sobre a vida dos participantes e com ênfase na escolha do curso e trajetória de vida. Algumas perguntas como: “Quantas pessoas moram na casa? Com o que sua mãe trabalha? E o seu pai? Como é a dinâmica da família?” ajudaram a nortear um pouco e dar seguimento à conversa com os participantes e compreender um pouco mais de suas dinâmicas familiares, como se dava a rotina de estudos, se tinham algum trabalho e se estudavam.

Algumas contribuições dentro da discussão me marcaram muito: ¹
“_ Moro com a minha mãe, meu irmão mais novo, isso pra mim é família, não considero tios e outros parentes família, não posso contar nem com meu pai.” - (participante A, 19 anos de idade).

¹ Em respeito ao sigilo da identidade dos participantes, será utilizado apenas a inicial do nome e idade.

“ _ Eu trabalho de jovem aprendiz e o dinheiro que eu ganho ajudo em casa, ando de ônibus e como na escola.” - (participante B, 17 anos de idade).

“ _ Estou no cursinho, já sou formada em Veterinária e agora estou buscando passar no vestibular para Direito, para buscar justiça para os animais, estou com 47 anos e me sinto empolgada para fazer um curso novo que vai me ajudar no meu trabalho. Acredito que eu possa colaborar com os meus conhecimentos de vida dentro do Grupo de OP, sou mais velha e os mais jovens que estão aqui podem me ouvir.” - (participante V, 47 anos de idade).

“ _ Eu faço doces para vender pois só com a renda da minha mãe não conseguimos nos sustentar”- participante A, 19 anos de idade.

As falas supracitadas transparecem questões sociais de outras ordens que não somente referentes ao contexto escolar. Em suas narrativas expõem vivências e realidades socioeconômicas, familiares e culturais, de modo que situam-se no grupo a partir de si mesmos, de suas próprias vivências e experiências, caracterizando uma faceta do autoconhecimento, pilar do processo de OP. Conforme citado anteriormente, em termos teórico-metodológicos, os programas de apoio para escolha profissional possuem o autoconhecimento como um pilar posto que um aspecto fundamental desse processo é “favorecer a percepção, por parte dos estudantes, daquilo que condiciona suas decisões, por um lado, e, por outro, de sua condição de sujeito que se constrói em uma relação dialética com o contexto no qual está inserido” (Carvalho & Marinho-Araujo, 2010, p. 225).

Para além disso, essas falas também fizeram repercutir em mim a reflexão sobre a importância da existência de um cursinho alternativo. Tornou-se evidente na minha experiência a necessidade deste lugar enquanto espaço a ser ocupado a fim de oferecer oportunidades e promover possibilidades de ingresso ao ensino superior considerando que, em um cenário mais amplo, o acesso à preparação pré-vestibular acaba tornando-se restrito

devido ao caráter comercial/econômico das instituições privadas com esta finalidade preparatória.

Em relação a estas repercussões sociais, Soares, et al. (2007,) aprofundam a discussão partindo da compreensão de que

Para os candidatos ao exame vestibular, nem sempre é possível preparar-se em um cursinho pré-vestibular, pois a maioria destes é de caráter privado e possui custo bastante elevado, com mensalidades por vezes superiores ao salário mínimo no Brasil. Frente a essas restrições, os cursinhos pré-vestibulares alternativos ou populares [...] iniciaram uma luta por políticas públicas de ação afirmativa que possibilitasse igualdade de acesso às universidades, em especial para estudantes da rede pública e afrodescendentes (Soares, et al., 2007, pp. 748-749).

Tendo em vista o que foi mobilizado, finalizamos o grupo abrindo um espaço para compartilhar as sensações despertadas. Ao fim da conversa, em comum acordo entre as coordenadoras e os membros do grupo, reforçamos os acordos para funcionamento do grupo e entregamos duas atividades para que fossem realizados em casa, no intuito de ter um maior aproveitamento do processo uma vez que o tempo para a realização do grupo de Orientação Profissional era muito curto.

Encerrando o encontro com a explicação sobre as duas propostas de atividade que seriam realizadas em casa: 1) Valores Pessoais e 2) Brasão de Família com o objetivo de aprofundar questões de *autoconhecimento*, buscando entender a partir disso como eles compreendem os valores pessoais que também são ou podem ser carregados como princípios dentro de suas respectivas famílias. Além disso, a atividade também funcionou como instrumento que possibilitou compreender quais os valores importavam para cada família e no que isso importava para eles em relação à vida pessoal e também profissional. Logo em

seguida, a segunda atividade, *Árvore Genealógica Profissional*, que consistiu na montagem da genealogia a partir de parentes que eles conheciam e sabiam suas profissões.

3.4 Família e a escolha da profissão

A família ocupa um papel importante no processo de escolha da profissão e para tratar dessa temática promovemos uma discussão acerca da compreensão do contexto sócio-histórico-cultural no qual estamos inseridos. Outro ponto abordado, foi sobre o legado transmitido pela família. Para isso a atividade que cada participante do grupo levou para casa, serviu como aquecimento da discussão realizada. A ideia era conhecer mais sobre a família e os valores pessoais que cada um carrega. Abrimos então, a conversa questionando como foi desenvolver a tarefa proposta para ser realizada em casa e alguns membros compartilharam conosco dificuldades por não conhecerem muito a família.

A partir dessa compreensão foi possível entender sobre a dimensão das circunstâncias pessoais e familiares que conduziram as possibilidades de escolha profissional dos participantes do grupo. Para o processo de OP, é importante também situar o contexto histórico no qual esse jovem se insere. Deste modo, a vivência do grupo é capaz de proporcionar a esse indivíduo uma esfera propícia para o conhecimento de si uma vez que

a orientação profissional deve oportunizar espaços de autoconhecimento dos jovens como sujeitos concretos e multideterminados, ampliando e reconfigurando suas percepções, e assim lançar mão de posicionamentos, especificamente no momento de fazer a escolha profissional, que se encontre com seus projetos de vida. (Bock & Aguiar, 1995, como citado por Oliveira, 2009, p. 62)

No decorrer do encontro essa perspectiva multideterminada dos integrantes do grupo ficou mais clara à medida que identificamos como cada participante produziu o *Brasão de Família e Valores Pessoais*. Reflexões interessantes surgiram no decorrer do encontro.

I. mostrou sua produção e disse que o Respeito, Humildade e União são as bases da família. Já *D (18 anos)*, fez um esquema e levou para a discussão como seria o brasão de sua família: Amor, Educação e Respeito. *A (19 anos)* frisou que fez mais de 3 pilares no brasão de família colocando as seguintes palavras: Honestidade, Amor, União, Dedicção e Humildade. E, *B (17 anos)* mostrou em seu brasão de família as palavras: Educação e Respeito, Humildade e Honestidade.

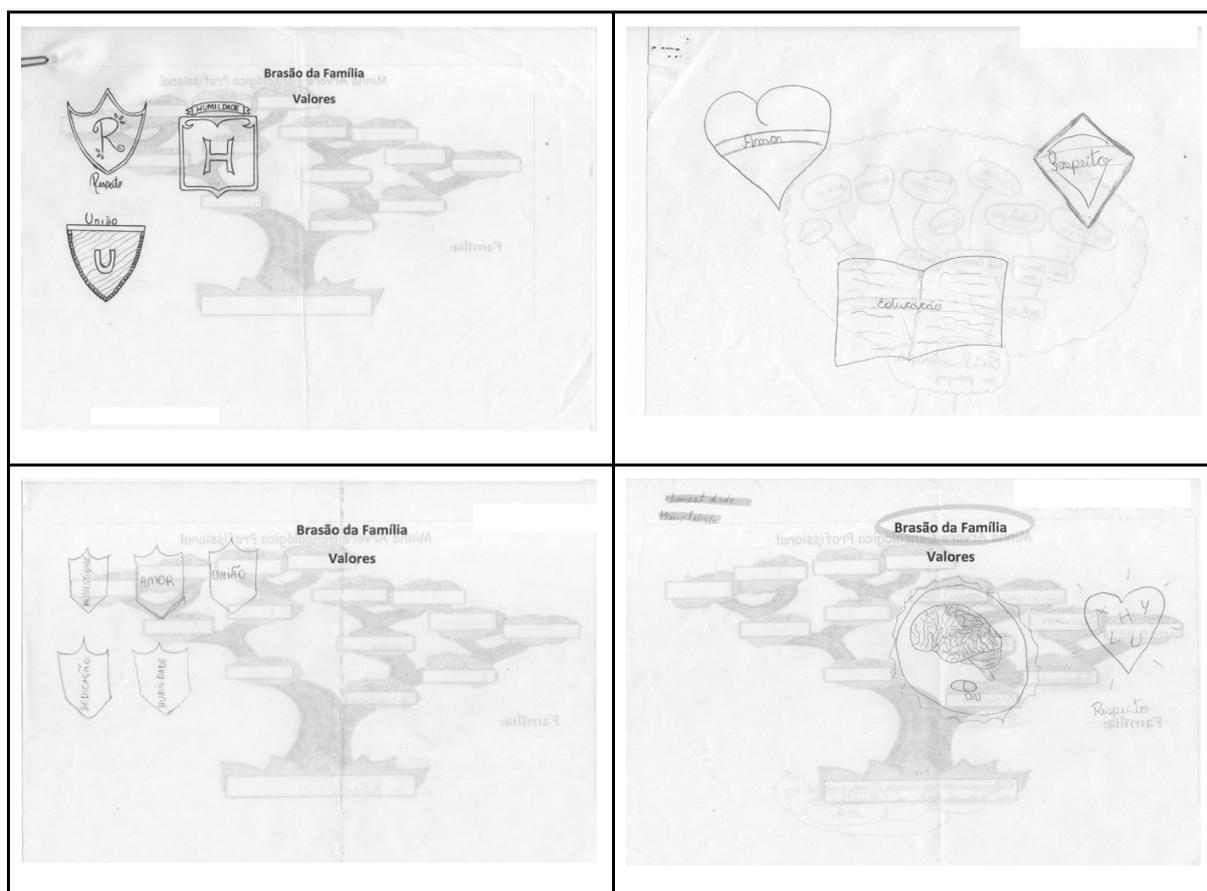


Figura 1. Imagens das produções realizadas pelos participantes do grupo.

A partir dos brasões expostos Respeito foi um valor familiar que pareceu se mostrar como uma expectativa e uma incoerência ao mesmo tempo, uma vez que isso é exigido delas por parte dos pais, mas que não é recíproco. Debatesmos também sobre outras palavras e pensamos em questões que não são percebidas por eles, como alguns entendimentos da vida que os pais carregam e que eles não querem continuar, como preconceitos e pensamentos que não cabem mais nos dias atuais.

O tópico preconceito foi um ponto importante da conversa, que permitiu ao grupo aprofundar em questões pessoais, dando oportunidade para que falassem sobre alguns preconceitos que muitos vivem em casa pelo estilo de se vestir e orientação sexual. Essa discussão deixou claro para mim a importância de utilizar o grupo de OP como um espaço, a princípio de autoconhecimento. Alguns jovens se expressaram mais e disseram o quanto é difícil para os pais aceitarem o estilo da pessoa que se identifica com outro gênero. Nesse momento, *B.* (17 anos), que se identifica como pansexual, argumentou: “até explicar pro meu pai é difícil, ele não entende nada que eu falo, e sempre vira briga”.

Além da questão da divergência cultural entre as gerações de pais de pais e filhos, outras reverberações surgiram em relação à família. Nesse sentido algumas falas se destacaram:

“_ *Quais valores e princípios são indispensáveis na minha família?*” - *A*, 19 anos.

“_ *Porque as famílias são tão diferentes?*” - *E*, 21 anos.

“_ *Meu pai é preconceituoso e eu não gosto disso.*” - *B*, 17 anos.

“_ *Tenho uma mania que é igual a da minha mãe.*” - *A*, 19 anos.

“_ *Minha tia diz que eu sou igual ao meu pai.*” - *B*, 17 anos.

O grupo expressou em suas falas os questionamentos, as aproximações e os distanciamentos que fizeram de si em relação às suas famílias e aos valores que carregam. Refletem alguns de seus incômodos sobre o contexto de família - uns não entendem os posicionamentos dos pais com relação a determinados assuntos e então surgem embates. Na conversa com o grupo entendemos que a orientação para o diálogo com a família é importante

uma vez que ela é o primeiro contato social que estes jovens tiveram, e é ali também que eles constituem seus valores pessoais, o que torna o seio familiar um determinante da escolha.

Os determinantes da escolha são peças fundamentais no desenvolvimento da Orientação Profissional, a partir da compreensão do contexto em que o orientando se insere, as influências que o perpassam e as referências que são importantes para ele, com isso é possível trabalhar questões relevantes na escolha profissional.

A discussão produziu diferentes significados para os participantes, agora um pouco mais esclarecidos quanto aos seus contextos familiares. Concluímos o encontro agradecendo e sugerindo outra atividade para casa. Solicitamos que os participantes atribuíssem características ao “Bom Profissional” a partir das questões: “Quais características um bom profissional tem que ter? Quais características que você já tem? Quais características você ainda tem que desenvolver?”

3.5 Construindo o processo de escolha profissional e seus determinantes

Visando aprofundar nos determinantes da escolha, trabalhamos neste encontro a visão que os participantes têm acerca do que é ser um bom profissional. A partir da atividade “Bom profissional” promovemos reflexões sobre mercado de trabalho e o que precisam para desenvolver e desempenhar uma profissão. A partir do material apresentado pelos presentes foi possível refletir sobre as características apresentadas para o bom profissional descritas na tabela abaixo.

Tabela 1
Respostas dadas à atividade “Bom Profissional”

Respostas para a atividade “Bom Profissional”			
	Quais características um bom profissional deve ter?	Quais características você tem?	Quais características você ainda precisa desenvolver?
Resposta 1	Iniciativa, paixão pelo que faz, liderança, atenção, vontade de aprender, responsabilidade, proatividade e ser visionário;	Iniciativa, atenção, responsabilidade, vontade de aprender;	Liderança, proatividade, ser visionária;
Resposta 2	Educação, Dedicção, Responsabilidade, Pontualidade, Atenção, Respeito, Seriedade, Disciplina, Bom humor, Excelência;	Educação, responsabilidade, atenção, respeito, seriedade, bom humor;	Dedicção, pontualidade, disciplina, excelência;
Resposta 3	Mente aberta, boa comunicação, inteligência emocional, empatia, curiosidade, foco;	não colocou informações sobre suas características, justificando que ainda precisava desenvolver;	Boa comunicação, inteligência emocional, timidez;
Resposta 4	Ser educado, saber respeitar o próximo, entender a condição do outro sem julgar, não desprezar as outras profissões, manter a calma independente da situação;	Educação, respeito, não “julgação”, responsabilidade;	Manter a calma, aprender a agir sobre pressão, ser mais ágil;

O conteúdo produzido chamou a minha atenção no que diz respeito à percepção dos participantes frente a definição do bom profissional. Cada resposta partiu de pontos de vista diferentes e produziu sentidos distintos deixando claro que a escolha é produto da experiência individual. Para Aguiar (2006) o entendimento do que constitui o processo de escolha parte daquilo que mobiliza o sujeito.

Compreendendo que cada participante está inserido em um contexto diferente dos demais, é possível perceber que nesta etapa do processo de OP o participante tem uma compreensão maior dos objetivos do programa e consegue fazer uma relação entre seus valores pessoais e o que esperam dos seus valores profissionais.

Na primeira pergunta verifica-se que as características evidenciadas são particulares de cada indivíduo. Portanto não há similaridade, embora exista características em comum, é possível identificar as individualidades de cada participante. A primeira resposta mostra um profissional engajado e muito dedicado à profissão, que tem paixão pelo que faz. Já a segunda resposta se dedica a um profissional que precisa ser liderado, que é pontual e pragmático. Na terceira resposta vemos que esse futuro profissional está voltado para um espaço mais expansivo, com a mente aberta e curioso para o que vem. Na quarta resposta identificamos

uma pessoa sensível, que mantém a calma e que se preocupa em respeitar o próximo e entender a condição do outro sem julgar. Em cada resposta é delimitada a individualidade dos participantes, cada um à sua maneira mostra seu jeito de estar no mundo e de que forma pode colaborar.

Na segunda pergunta observa-se a relação entre as respostas com a quantidade de características menor do que as esperadas se comparadas ao que se confere um profissional (primeira pergunta). Entende-se que os orientandos nessa etapa do processo precisam buscar mais informações para conhecer as características de um bom profissional, é interessante captar a forma como eles se percebem menos descritivos em qualidades do que se espera de um “bom profissional”, em consequência disso temos que é um reflexo do processo da formação que eles estão buscando para se tornar um bom profissional no grupo de OP. Um ponto que evidencia esse resultado é a resposta do participante 3, o qual ao mesmo tempo em que acredita que as “características que ele tem” precisam ser desenvolvidas, apesar de colocar as características nas perguntas “quais as características um bom profissional deve ter?” e “quais características você ainda precisa desenvolver?”, também considera que ainda precisa desenvolver características - o que pode significar uma insegurança em relação ao que se pensa de um profissional.

É notório que nenhuma das pessoas informou que tem características que elas não citaram antes, nas referidas primeira e segunda perguntas, sendo assim os orientandos conscientes de seu processo conseguem identificar o que eles já possuem enquanto atributos e o que eles precisam desenvolver.

O participante 4 é o único que coloca respostas que são distintas das características que um profissional deve ter das que deve desenvolver, a única resposta que se repete é

manter a calma, adicionado de agir sobre pressão e ser mais ágil, que são informações novas no que ele deve desenvolver enquanto profissional futuramente.

Embora haja alguma similaridade entre as respostas, no que toca a responsabilidade, como visto nas respostas 1, 3 e 4, cada participante indicou características particulares, que tem a ver com seu próprio jeito de ser, portanto, a maioria considera a responsabilidade uma característica importante, mas cada participante tem uma expectativa em relação ao bom profissional, uma vez que em conjunto com as demais palavras pode produzir outro sentido, representando assim profissionais com valores característicos de cada um, inclusive em relação as áreas de atuação.

Na terceira resposta verifica-se novamente a diminuição da quantidade de informações em relação a pergunta 2. Essa pergunta, auxilia na percepção das características que eles ainda tem que desenvolver, deste modo esses atributos observados por eles sobre si mesmos significa um avanço no processo de Orientação Profissional, uma vez que eles reconhecem que têm pontos a melhorar, incorporando então a apuração de seus valores profissionais.

Essa atividade objetivou compreender que mesmo de posse de algumas características os orientandos reconhecem que outras precisam ser desenvolvidas para a formação do profissional, a partir de informações demonstradas na tabela, passamos para o processo da escolha da profissão, considerando as singularidades de cada participante.

3.6 A escolha da profissão em questão

O processo de olhar para si que permitiu aos membros do Grupo de OP reconhecerem o que na sua vida e na sua subjetividade pesou e influencia na escolha profissional. Essas dimensões que foram trabalhadas como determinantes da escolha são pessoais e estão

relacionadas ao viver e conviver em sociedade, embora seja perpassada pelas relações externas que dizem respeito à individualidade de cada um. Bock (2008) explica

A vida social, na qual estão os determinantes importantes das escolhas profissionais, como a ideologia dominante, as formas de trabalho . . . não é algo externo ao indivíduo. Ao construir sentidos subjetivos sobre a escolha ou sobre o futuro profissional, o sujeito estará também, e ao mesmo tempo, internalizando a vida social e contribuindo para a construção da subjetividade, que é coletiva. Sujeito e sociedade são âmbitos de um mesmo processo. O sujeito escolhe e, para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas sociais onde está inserido. (Bock, 2008, p. 140).

Conversamos com os participantes sobre essa ponte entre o movimento pessoal e os sentidos próprios de cada um com as implicações sociais que pertence ao processo de escolha. Foi um momento significativo para mim, poder ouvir dos participantes o que eles estavam achando do grupo e o entendimento de cada um sobre que sentido fazia passar por uma experiência como um processo de orientação profissional. Ouvir os participantes me fez refletir sobre o sentido de estar ali, pessoalmente enquanto psicóloga em formação, tendo a oportunidade de ser agente/colaboradora de processos de vida de outras pessoas, criar vínculos e desenvolver um trabalho que oferece tantas possibilidades que, talvez, antes não se apresentassem com tanta clareza.

3.7 Mundo do trabalho e suas possibilidades

Com o propósito de promover uma reflexão sobre o mundo do trabalho e suas possibilidades realizamos um Quadro das Profissões que visou desmistificar informar os

participantes sobre os cursos de seu interesse. Os cursos selecionados foram: Administração, Ciências Sociais, Direito, Fisioterapia, História, Nutrição, Odontologia e Psicologia.

A atividade consistia na montagem de um quadro com as seguintes informações: nome do curso, descrição, grade horária, áreas de atuação e média salarial. Cabe dizer que tais informações foram pesquisadas pelas coordenadoras no Catálogo de Cursos da UFU. Após montarmos o quadro abrimos a discussão. Os participantes puderam obter mais informações a respeito do curso e outros elementos importantes, que a princípio não se pensa sobre a futura profissão. Outro ponto relevante nesta discussão foi a surpresa dos participantes ao ter conhecimento da faixa salarial e as disciplinas que o curso abrange. Tivemos uma conversa a respeito do que se espera ver no Ensino Superior, revelando que muitos cursos envolvem muita teoria, além da prática. Outro ponto destacado foi a surpresa em cursos de humanas abarcarem disciplinas de exatas. É notória a surpresa dos participantes ao se depararem com a grade horária dos cursos de humanas e perceberem a existência de disciplinas da área de exatas, como: estatística. No processo de OP é importante sensibilizar e contextualizar a existência de determinados conteúdos na grade curricular dos cursos e seu uso dentro dos diferentes campos da formação e da atuação profissional.

Fiquei muito contente com as questões que surgiram nessa conversa e do quanto os participantes se implicaram no desenvolvimento e discussão do encontro. Ao final solicitamos que cada participante desse um feedback com uma palavra do que significou o encontro para eles, então, palavras como: *informativo, importante, interessante e muita informação*, surgiram como retorno do fechamento deste encontro.

3.8 Finalizando o processo

Como atividade final sugerimos aos participantes a confecção de uma “Cápsula do Tempo”, tarefa que consistiu em escrever uma carta para si mesmos que fosse aberta, após a

realização do ENEM. A intenção era que eles pudessem encontrar nessa carta palavras de conforto e acolhida frente ao momento de exame. Realizada a atividade, conduzi o encerramento dando um feedback de como foi para mim enquanto coordenadora do grupo estar envolvida de alguma forma no processo e ouvindo o feedback dos participantes.

Contar para os participantes sobre a minha experiência no grupo de OP me faz sentir parte de um processo grandioso e que está só no começo, de fato é muito agradável orientar pessoas na escolha da profissão, possibilitar espaço para questionamentos e esclarecimentos, dúvidas e soluções, mesmo que o participante não chegue a uma escolha é realmente satisfatório. Minha percepção no final são semblantes confiantes e mais seguros de suas decisões, poder contar para eles como foi chegar ao final de um cronograma bem delineado, atividades desenvolvidas na justa medida é o suficiente dentro da minha formação enquanto Orientadora Profissional. Tive retornos desses feedbacks de diferente formas, como: “ainda não tenho certeza do que quero mais tem consciência do que posso fazer”, “esse curso serviu para eu ter mais certeza do que eu quero”, “posso pensar em fazer um curso que está ao meu alcance ou um curso técnico, para já trabalhar”, foram algumas falas que permearam essa discussão final do grupo.

No cursinho pré-vestibular alternativo em questão, a equipe de Psicologia, formada por profissionais e estudantes do curso de Graduação em Psicologia voluntários, sugere que façamos encontros individuais com os participantes do Grupo de Orientação Profissional a fim de dar um feedback para eles em relação ao processo e esclarecer possíveis dúvidas que ainda persistam. Essa proposta de acolhimento final sugerida pelo gerenciamento do curso foi realizada nos dias seguintes ao encerramento do grupo com os participantes que tiveram suas presenças contabilizadas e atividades entregues dentro dos prazos.

Encerrando a conversa

Este trabalho compartilhou uma experiência em orientação profissional realizada com um grupo de estudantes de um cursinho pré-vestibular alternativo sob a perspectiva da abordagem sócio-histórica. O trabalho foi desenvolvido por uma estudante de Psicologia voluntária para os integrantes do grupo foi uma construção potente de informação, acolhimento e compreensão dos caminhos que compõe uma escolha.

A partir do encerramento das atividades com esse Grupo de Orientação Profissional foi possível perceber os diferentes sentidos produzidos por estar nesse processo para cada integrante. Finalizando com feedbacks positivos acerca da contribuição de participar do grupo. Alguns com escolhas bem definidas, com mais consciência das suas escolhas, outros ainda com dúvidas, contudo, cientes do seu processo e de suas opções para a escolha profissional. O diferencial desse serviço oferecido é criar possibilidades para pensar essa escolha a fim de evitar futuras evasões do ambiente acadêmico e alguma insatisfação em relação ao curso e/ou profissão.

Considerando o trabalho realizado com estes adolescentes, tendo uma possibilidade que o grupo têm de oferecer de forma ampliada informações sobre profissões e elementos que cercam o mundo do trabalho, e entendendo esse grupo como suporte para ampliar conhecimentos de sua história de vida e contextos familiares o Grupo de Orientação Profissional promove uma percepção mais elaborada de si mesmo, seus arredores e seu futuro profissional, ainda que ao final desse processo os jovens não tenham a certeza quanto ao que cursar, os mesmos entendem que após o encerramento do grupo têm um aporte de conhecimento mais ampliado acerca dos seus processos pessoais e profissionais. Os participantes conseguem pensar de maneira mais clara e objetiva sobre o seu processo de escolha.

O grupo de OP enquanto promotor desse espaço para pensar suas escolhas de maneira mais consciente ofereceu informações específicas sobre os cursos universitários, pós-graduações, formas de ingresso na universidade. Outro ponto importante percebido neste processo é o maior interesse em conhecer e delinear objetivos profissionais, como: áreas de atuação, planejamento de carreira e futuro profissional.

Por fim, este relato evidenciou a importância de uma contribuição maior da Psicologia para grupos de Orientação Profissional para pessoas de classes socioeconômicas que enfrentam adversidades ou restrições financeiras.

REFERÊNCIAS

- Abade, F. L. (2005). Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 15-24.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100003&lng=pt&tlng=pt
- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In Aberastury, A., & Knobel, M. *Adolescência Normal*. (13-23) (S. M. G. Ballve, Trad.) Artes Médicas.
- Aguiar, W. M. J. (2006). A escolha na orientação profissional: contribuições da psicologia sócio-histórica. *Psicologia da Educação Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*, ISSN 2175-3520, (23), 11-25.
- Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. B., & Ozella, S. (2001). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*, 3, 163-178.
- Barros, L. O. & Murgo, C. S. (2017). Projetos de carreira de adolescentes: contribuições de uma intervenção em Orientação Profissional em um Centro de Referência em Assistência Social. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 298-309.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200005&lng=pt&tlng=pt
- Bock, S. D. (2001). *Orientação Profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil.

- Bock, S. D. (2008). *A escolha profissional de sujeitos de baixa renda e egressos do ensino médio*. (Tese de doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Carvalho, T. O., & Marinho-Araujo, C. M. (2010). Psicologia Escolar e Orientação Profissional: Fortalecendo as convergências. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 219-228.
- Esbrogeo, M. C., & Melo-Silva, L. L. (2012). Informação profissional e orientação para a carreira mediadas por computador: uma revisão da literatura. *Psicologia USP*, 23(1), 133-155. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642012000100007>
- Grings, J. A. J., & Jung, C.F. (2017). Fatores que influenciam na escolha profissional e a importância da orientação vocacional e ocupacional. *Revista Espacios*, 15(38), 12-33. <https://www.revistaespacios.com/a17v38n15/a17v38n15p12.pdf>
- Holland, J. L., & Powell, A. B. (2010). *SDS – Conhecendo as profissões: Caderno de Carreiras*. (M. F. O. Nunes, Trad.) Casa do Psicólogo.
- Levenfus, R. S. (2015). *Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos*. Artmed Editora.
- Lisboa, M. D. (2002). Orientação Profissional e Mundo do Trabalho: reflexões sobre uma nova proposta frente a um novo cenário. *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed. p. 33-49.
- Magalhães, M. O. (2006). Relação entre personalidades vocacionais e estilos interpessoais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 11-22.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902006000100003&lng=pt&tlng=pt

Melo-Silva, L. L., Lassance, M. C. P., & Soares, D. H. P. (2004). A orientação profissional no contexto da educação e trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(2), 31-52. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000200005&lng=pt&tlng=pt

Melsert, A. L. M., & Bock, A. M. B. (2015). Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e Pesquisa*, 41(3), 773-789. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507135302>

Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. 8ª ed. (C. Buchweitz, Trad.). Artes Médicas Sul.

Oliveira, A. S. (2009). *Os sentidos da escolha da profissão, por jovens de baixa renda: um estudo em psicologia sócio-histórica*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.

Osório, M. M.; & Lima, S. M. B. (2017). O impacto da orientação vocacional na adolescência: um estudo de caso. *Revista da Mostra de Trabalhos de Conclusão de Curso*, 1(1), 563-589. <http://ediurcamp.urcamp.edu.br/index.php/rcmtcc/article/view/1595/1035>

Ramalho, C. M. R. (2011). *Psicodrama e dinâmica de grupo*. Iglu.

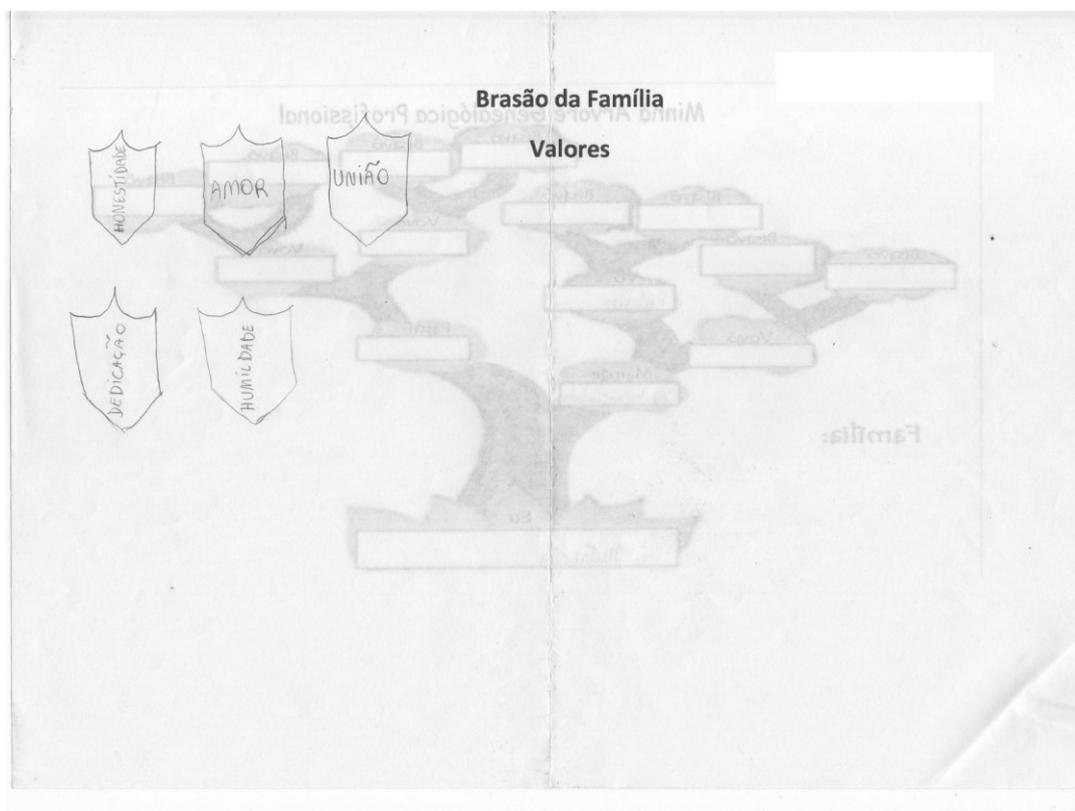
Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., Fonçatti, G., Audi, D. A., Agostinho, M. L., & Malki, Y. (2016). Ser adolescente no século XXI. *Orientação Vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos*. 13-23.

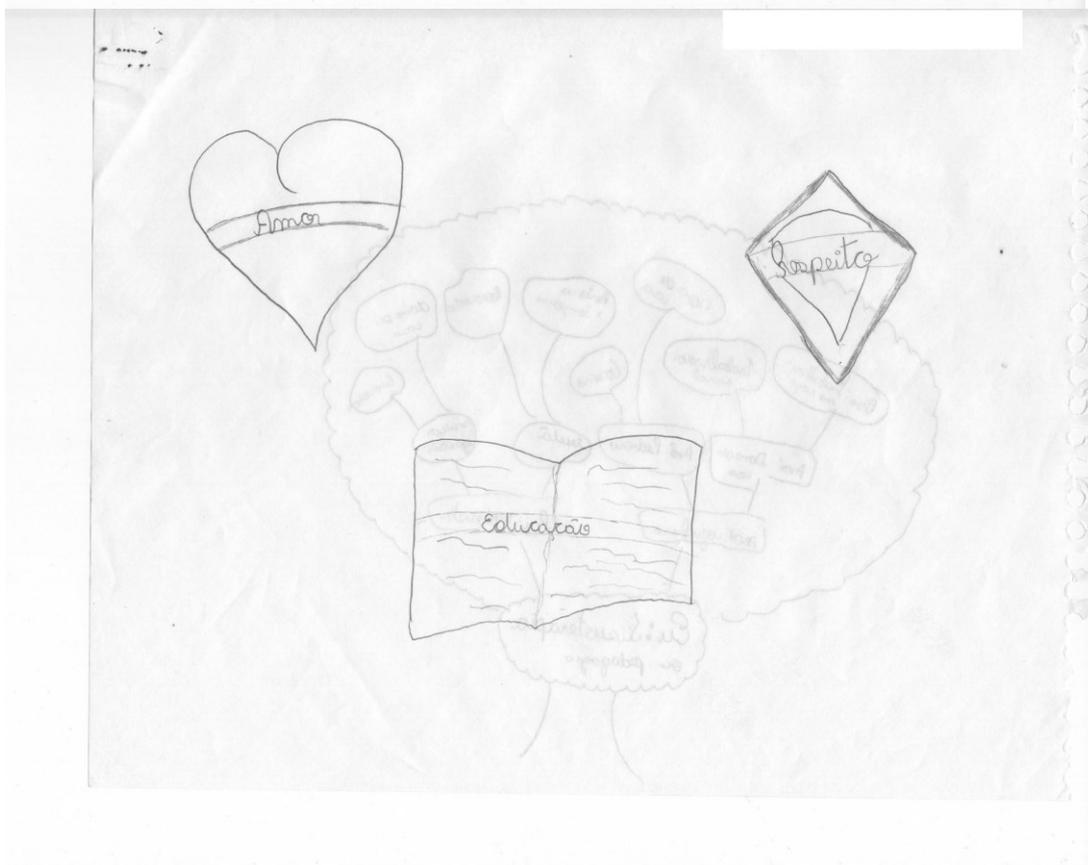
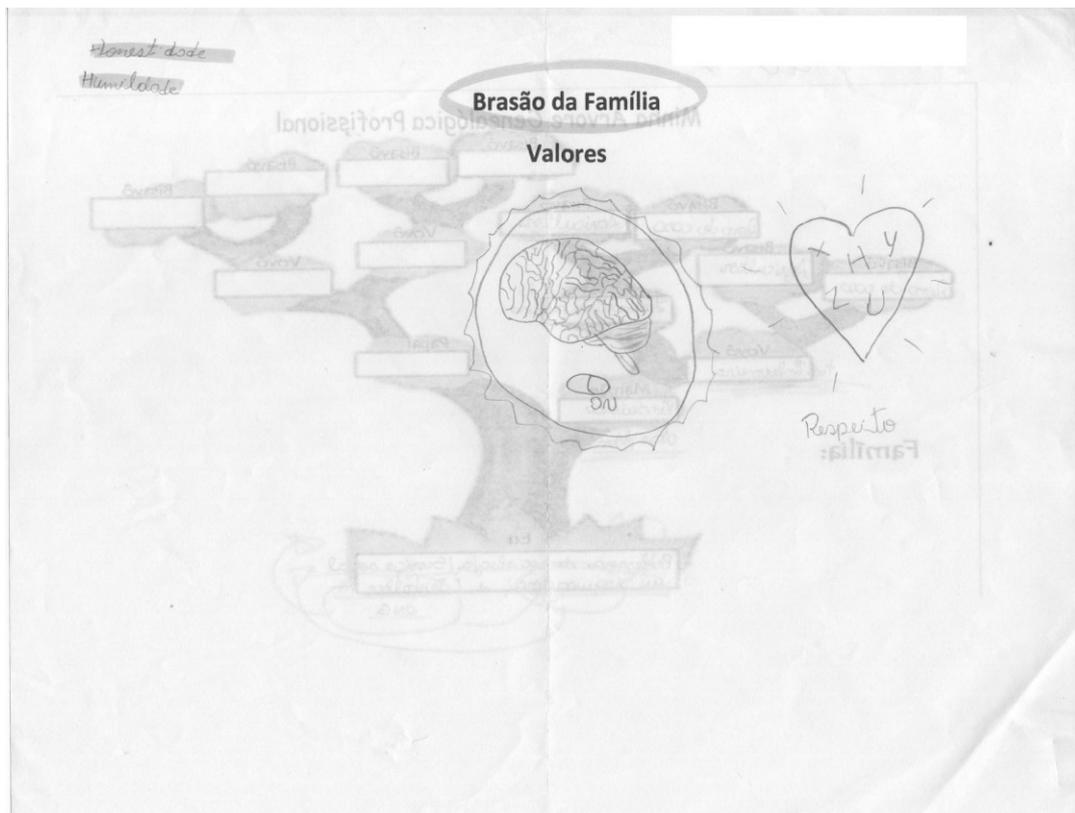
- Rodrigues, R., & Coutinho, E. (2009). Desatando e atando nós: uma técnica para grupos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(2), 131-139. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000200011&lng=pt&tlng=pt
- Sampaio, J., Santos, G.C., Agostini, M., & Salvador, A. D. S. (2014). Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Suppl.2), 1299-1311. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>
- Silva, K. C., & Carvalho, O. F. (2019). Trabalho e Projeto de Vida: competência para a quarta revolução industrial. *Revista Com Censo*, 19(6), 10-17. <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/738/462>
- Soares, D. H. P., Krawulski, E., Dias, M. S. L. & D'Avila, G. T. (2007). Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 746-759. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932007000400014>
- Teixeira, M. A. P., Castro, G. D., & Cavalheiro, C. V. (2008). Escalas de interesses vocacionais (EIV): construção, validade fatorial e consistência interna. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 179-186. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100021>
- Tomio, N. A. O., & Facci, M. G. D. (2009). Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Teoria E Prática Da Educação*, 12(1), 89-100.
- Veriguine, N. R. (2008). *Autoconhecimento e informação profissional: implicações para o processo de planejar a carreira de jovens universitários*. (Dissertação de Mestrado).

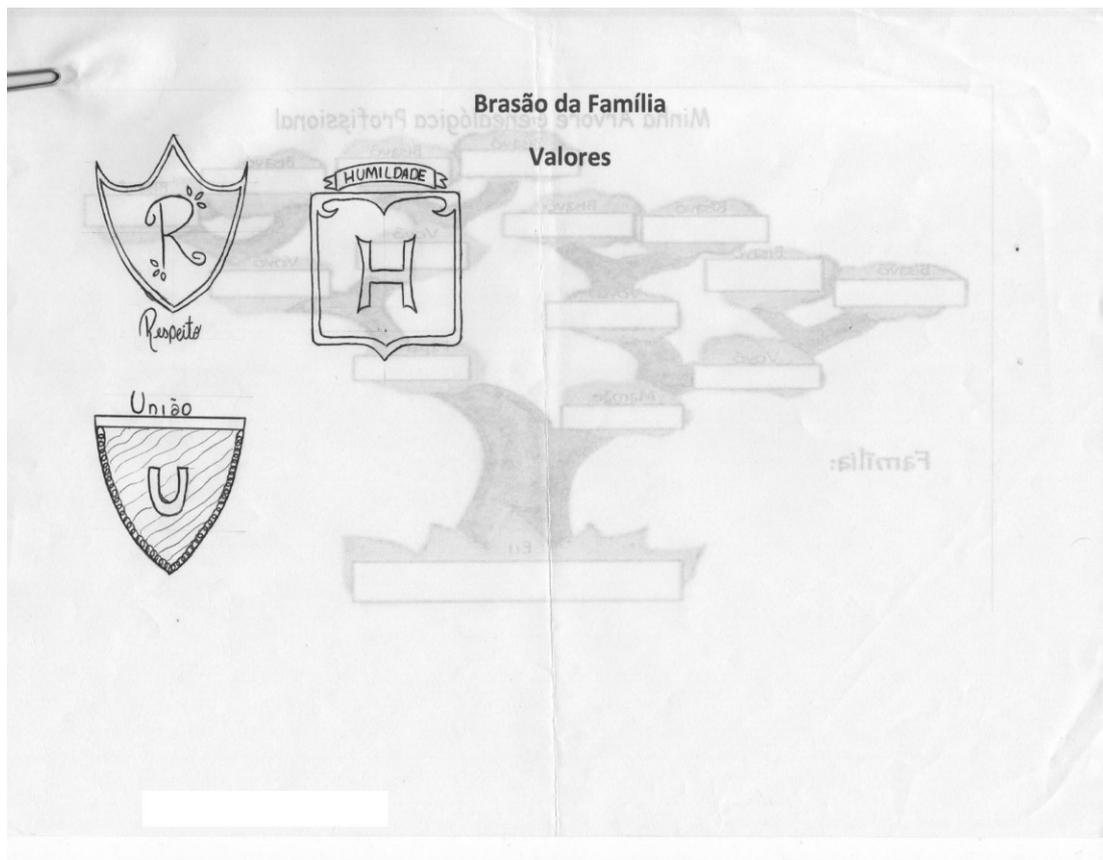
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil.

ANEXO A – BRASÃO DE FAMÍLIA E VALORES PESSOAIS

Imagem retirada do site <http://www.comofazer.org/sociedade-e-cultura/relacionamentos/como-fazer-uma-arvore-genealogica/> e adaptada pela autora.







APÊNDICE A – O BOM PROFISSIONAL

Quais características um bom profissional tem que ter?

Quais características que você já tem?

Quais características você ainda tem que desenvolver?



Iniciativo
 Paciência pelo que faz
 Liderança
 Atividade
 vontade de aprender
 Responsabilidade
 Proatividade
 Bom relacionamento

Iniciativo
 Atividade
 Responsabilidade
 vontade de aprender

Liderança
 Proatividade
 Bom relacionamento

Quais características um bom profissional tem que ter?

Quais características que você já tem?

Quais características você ainda tem que desenvolver?



Educação
 Dedicação
 Responsabilidade
 Pontualidade
 Atenção
 Respeito
 Seriedade
 Disciplina
 Bom humor
 Excelência

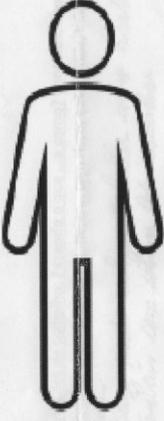
Educação
 Responsabilidade
 Atenção
 Respeito
 Seriedade
 Bom humor

Dedicação
 Pontualidade
 Disciplina
 Excelência

Quais características um bom profissional tem que ter?

- mente Aberta
- Boa Comunicação
- Inteligência Emocional
- Empatia
- Curiosidade
- Foco

Quais características que você já tem?



Quais características você ainda tem que desenvolver?

- Boa Comunicação
- Inteligência Emocional
- Foco

Quais características um bom profissional tem que ter?

ser educado, saber respeitar o próximo, entender a condição do próximo sem julgar, não desprezar as outras pessoas, manter a calma independente da situação

Quais características que você já tem?



Quais características você ainda tem que desenvolver?

Manter a calma
Aprender a lidar com pressão
ser mais ágil